



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL**

MARYANA MADEIRA BORRI DE ALMEIDA SOUSA

**NARRATIVAS QUE EDUCAM PARA A VIDA: PROPOSTA DE GRUPO
BIBLIOTERÁPICO COM ADOLESCENTES A PARTIR DO UNIVERSO LITERÁRIO
DE HARRY POTTER**

Salvador

2021

MARYANA MADEIRA BORRI DE ALMEIDA SOUSA

**NARRATIVAS QUE EDUCAM PARA A VIDA: PROPOSTA DE GRUPO
BIBLIOTERÁPICO COM ADOLESCENTES A PARTIR DO UNIVERSO LITERÁRIO
DE HARRY POTTER**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para a obtenção do Título de Especialista em Logoterapia e Análise Existencial sob a ênfase de Logoeducação.

Orientadora: Dr.^a Lorena Bandeira

Salvador

2021

NARRATIVAS QUE EDUCAM PARA A VIDA: PROPOSTA DE GRUPO BIBLIOTERÁPICO COM ADOLESCENTES A PARTIR DO UNIVERSO LITERÁRIO DE HARRY POTTER

Maryana Madeira Borri de Almeida Sousa¹

RESUMO

Por meio deste artigo será apresentada uma proposta de trabalho com adolescentes através de um grupo biblioterapêutico em que se utilizará o primeiro livro da saga literária de Harry Potter, além de contar com as ideias propostos por Viktor E. Frankl através da Logoterapia e Análise Existencial como a base teórica para fundamentar o trabalho. Propõe-se que os conceitos e valores desta abordagem sejam trazidos para o debate a partir de trechos do livro, buscando que aproximação com tal universo lúdico promova reflexões importantes. A aplicação do projeto piloto desta proposta foi um sucesso com alunos, familiares e professores, sugerindo um alto potencial terapêutico para esta proposta. Espera-se que a leitura e a aproximação com o universo fantástico de Harry Potter possam despertar ideias, questionamentos e reflexões nos jovens participantes de modo que possam se desenvolver de forma mais autoconsciente e autêntica.

Palavras-chave: Logoterapia, Biblioterapia; Harry Potter; Valores.

¹ Psicóloga, pós-graduanda pela Universidade Católica do Salvador. madeiramaryana@gmail.com.

ABSTRACT

This article will present a proposal of work with teenagers through a bibliotherapeutic group in which the first book of the Harry Potter saga will be used, and also counting with the ideals proposed by Viktor E. Frankl through Logotherapy and Existential Analysis as the theoretical basis for supporting the whole work. It is proposed that the concepts and values of this psychological approach are brought to the debate by excerpts from the book, seeking that the approaching of such a playful universe will promotes important reflections. The application of the pilot project for this proposal was a success with students, families and teachers, suggesting a high therapeutic potential of this proposal. It is hoped that reading and getting closer to the fantastic universe of Harry Potter can awaken ideas, questions and reflections in them so they can develop themselves in a more self-conscious and authentic way.

Keywords: Logotherapy, Bibliotherapy; Harry Potter; Values.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de trabalho grupal com adolescentes utilizando-se da biblioterapia enquanto ferramenta, e do universo literário de Harry Potter enquanto instrumento provocador de debates e reflexões.

A inspiração para o tema se deu através do interesse pessoal da autora a respeito de como a linguagem, as palavras e a forma de expressá-las, afeta tanto a mensagem em si bem como a interpretação daquilo que se quer passar. Fora isto, além deste ponto de influência perdurar durante toda a vida, em qualquer diálogo e entre quaisquer pessoas, ele é particularmente delicado quando se trata da infância e adolescência, fases em que a falta de experiências contribui para um maior risco de más interpretações, tanto sobre o falante quanto sobre o mundo que cerca os pequenos ouvintes.

Dito isso, considerou-se relevante o estudo de tal perspectiva sob o ponto de vista da infância, cuja influência literária pode ser internalizada como maior facilidade e veemência; e a fim de também contribuir com a comunidade acadêmica da

Logoterapia e da Análise Existencial, surgiu o interesse de elaborar tal estudo sob uma perspectiva Frankliana, buscando verificar onde e de que forma os valores universais propostos por Frankl se fazem presente nas obras literárias infanto-juvenis.

Deste modo, a ferramenta biblioterapia fora selecionada como a mais promissora para se trabalhar essa perspectiva, e para tanto, não só por gosto pessoal, a saga do menino que sobreviveu, Harry Potter e todo o seu universo fantástico, fora escolhida por se tratar de uma série infanto-juvenil que ainda apresenta um grande público cativo e fiel até os dias de hoje, 24 anos após a publicação do primeiro livro da saga.

Ademais, a presente proposta fora elaborada a partir do trabalho piloto conduzido pela autora em uma escola pública no bairro de Periperi na cidade de Salvador – BA. Tal trabalho fora realizado através da ênfase de *Logoeducação*, coordenada pela Prof. Esp. Mônica Patrícia de Souza, dentro do projeto *Sentido do Servir*, coordenado pela Prof. Esp. Denise Gersen e atrelado à Universidade Católica do Salvador – UCSAL.

Já este, por sua vez, fora inspirado no projeto iniciado em 2016 através de uma parceria entre a Universidade de Leeds, na Inglaterra, e a Universidade de Nova York em Cortland, nos Estados Unidos, e financiado pela Fundação John Templeton, em que, neste caso, utilizaram os três primeiros livros da série de fantasia *As Cônicas de Nárnia (O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa; Príncipe Caspian; A Viagem do Peregrino da Alvorada)* para trabalharem o caráter e a educação virtudes com jovens entre 10 e 14 anos em diversas escolas da Inglaterra e Estados Unidos, entre outros países².

2 A LOGOTERAPIA DE VIKTOR E. FRANKL

A partir do difícil contexto dos campos de concentração, Viktor E. Frankl pôde apreender valiosos ensinamentos frente à adversidade e a falta de esperança, seja através de autorreflexões ou de sua hábil capacidade de observação. Com sua própria vivência servindo de base empírica, propôs, após sua liberação, uma psicologia que

² Ver UNIVERSITY OF LEEDS.

fosse menos psicopatologizante e se voltasse mais para a busca do sentido da vida humana: a Logoterapia, a terapia do sentido (FRANKL, 2010, p. 75-79).

Fez-se necessário, então, uma mudança na visão de homem, opondo-se à reducionista em que se está determinado pelos aspectos biopsicossociais inerentes, e oferecendo uma mais holística e que leva em consideração uma dimensão espiritual, ou noética, que constitui o homem, juntamente com os elementos da liberdade e responsabilidade, passando a vê-lo como uma unidade e uma totalidade em si mesmo, indivisível, completo em sua essência (FRANKL, 1978; 2010, p. 75-79; 2016, p. 93-120; 2017, p. 23-102; FREITAS, 2013, p. 36-40).

Dentro desta nova proposta filosófica e terapêutica o que motiva e move o homem é a busca pelo sentido de sua existência, a vontade de sentido, contrapondo, mais uma vez, as perspectivas já bem estabelecido em sua época, como princípios da *vontade do prazer* freudiana e da *vontade de poder* adleriana (FRANKL, 1978, p. 203-216; 2016, p. 94; 2017, 49-50, 121); e aqui somos apresentados aos três pilares básicos que norteiam esta busca pelo sentido: a (i) *liberdade da vontade*, a (ii) *vontade de sentido* e o (iii) *sentido da vida* (FRANKL, 2017, p. 7, 26; FREITAS, 2013, cap. 5).

A *liberdade da vontade*³ refere-se à capacidade de responder e decidir, mas “não se trata de estar livre de fatores condicionantes, mas sim da liberdade de tomar uma posição frente aos condicionantes” (FRANKL, 2016, p. 117). Aqui Frankl destaca a diferença entre a “liberdade de” e a “liberdade para”, em que, paradoxalmente, apesar de sermos finitos e condicionados por nossos aspectos biopsicossociais, “não somos livres das catástrofes nem das crises” (FREITAS, 2013, p. 45), possuindo, então, uma *liberdade de* ação restrita frente às relações e contextos que a vida nos apresenta, também somos, ao mesmo tempo, infinitos e incondicionados em nossa dimensão espiritual, ou noética, possuindo plena *liberdade para* nos posicionarmos frente a tais condicionamentos. A liberdade, portanto, é uma “característica permanente e definitiva do homem [pois] mesmo que a ela renuncie, o próprio ato dessa voluntária renúncia acontece na liberdade” (FREITAS, 2013, p. 44). Somado a isto, vale lembrar, e ressaltar, que posicionar-se implica em comprometer-se com a escolha feita, portanto, tornar-se responsável por ela. Liberdade e responsabilidade, ou *responder com habilidade*, são duas faces de uma mesma moeda, não há como

³ Ver FRANKL, 2017, p. 26.

se ter uma em separado da outra; e juntamente com a dimensão espiritual, conforme dito, constituem o homem e sua existência (FRANKL, 2017, p. 16).

Já a *vontade de sentido*⁴ trata-se do chamado interior, a motivação primária e inerente ao homem, seu desejo pela descoberta e realização de sentido, do seu sentido (FRANKL, 2016, p. 94). Aqui Frankl destaca que, por mais que o ser humano possa padecer nas demais vontades propostas pelos seus contemporâneos Freud, com a *vontade de prazer*, e Adler, com a *vontade de poder*, o que, de fato, permeia o homem “em profundidade e instância culminante (...) [é a] vontade de sentido” [pois ela] “não pode ser reduzida a outras necessidades nem pode derivar-se delas” (FREITAS, 2013, p. 52). Em virtude desta busca pelo sentido, este pilar abrange, portanto, ideias como vocação, missão e projeto de vida, ou seja, a realização de algo que possua sentido, e seu cumprimento é o que traria a felicidade e o prazer como consequências (FRANKL, 2016, p. 122). Ainda neste tópico, Frankl também traz mais três conceitos fundamentais que complementam sua ideia: a (i) *noodinâmica*, a (ii) *força desafiadora do espírito*, a atual *resiliência*, e o (iii) *vazio existencial*.

Dotados de uma dimensão espiritual⁵, ou noética, a *noodinâmica*, então, seria a dinâmica de tensão entre o homem e seu sentido, entre o que se é e o que se busca ser, e cuja existência é inerente ao homem e indispensável para o seu bem-estar mental, pois o que o homem precisa não é de uma vida equilibrada livre de tensão, mas sim de um sentido que justifique esta tensão (FRANKL, 1978, p. 36-37; 2016, p. 98-99). Ao contrário da psicodinâmica freudiana, em que o que movimenta o homem é a satisfação de suas necessidades, na *noodinâmica*, por mais que os instintos também se façam presentes, o que movimenta o ser é a realização de sentido através dos seus valores, e, portanto, a sua liberdade inerente lhe permite escolher se será ou não dominado pelos instintos (FREITAS, 2013, p. 53).

Decorrente da *noodinâmica*, surge a *resiliência*, o que Frankl chamava de *força desafiadora do espírito* ou *poder de resistência do espírito*, a capacidade, ou movimento interno, de sair da situação cômoda e de conforto em prol da busca e realização do sentido, superando as adversidades, transformando a realidade, e mantendo-se firme e resistente frente a esta dinâmica de tensão (FRANKL, 1978, p. 70-71; FREITAS, 2013, p. 54), ou seja: adaptar-se, sobrepor-se e recuperar-se diante de uma crise.

⁴ Ver FRANKL, 1978, p. 12, 30; 2016, p. 95-96; 2017, p. 50, 52-53, 57-61, 206-207.

⁵ Ver FRANKL, 1978, p. 122-142; 2010, p. 67; 2016, p. 95-97; 2017, p. 28, 36, 155.

Já no contexto em que a *vontade de sentido* não é satisfeita, o homem encontra-se no estado de *vazio existencial*, ou *vácuo existencial*, que se manifesta através de tédio e apatia que pode chegar à neurose, as neuroses noogênicas, que surgem a partir de questões existenciais da dimensão noética (FRANKL, 1978, p. 16, 19-20, 30; 2016, p. 95-97, 99-101; 2017, p. 9, 39-40, 77, 83-84, 105-124; FREITAS, 2013, p. 55). Neste *vazio existencial*, “a neurose de massa da atualidade” (FREITAS, 2013, p. 57), o homem tem sua capacidade de superação de crise limitada, e acaba sucumbindo ao buscar preenche-lo, desviando-se através da depressão, da violência/agressividade e da dependência/vícios, os quais “não podem ser entendidos se não reconhecermos o *vazio existencial* subjacente a eles” (FREITAS, 2013, p. 55), e a partir deste processo egóico, este homem, que não conhece a si mesmo, fica à mercê de duas forças sociais opostas: o conformismo, em que é dominado pelo medo e deseja apenas fazer o que todos fazem, e o totalitarismo, em que faz apenas o que lhe mandam em prol de sua busca pelo prazer e pelo poder (FRANKL, 1978, p. 20; 2016, p. 99; 2017, p. 9, 83-84, 105; FREITAS, 2013, p. 55).

Este mesmo pilar, *vontade de sentido*, é também a principal manifestação da *autotranscendência*⁶, o ir para além de si mesmo, fenômeno especificamente humano que reflete a nossa capacidade de transcendermos a nós mesmos, sendo “o mais alto grau de desenvolvimento da existência humana” (FREITAS, 2013, p. 48); em que a autorrealização proveniente do encontro e cumprimento do sentido “só é possível como um efeito colateral da autotranscendência” (FRANKL, 2016, p. 103). Para autotranscender-se, entretanto, é necessário colocar-se em perspectiva em relação a si mesmo e ao contexto, é necessário lançar mão do *autodistanciamento*⁷, como no processo reflexivo ou no estado de humor, a fim de se tomar as verdadeiras rédeas da *liberdade para* escolher e direcionar-se.

E para completar o tripé. tem-se, enfim, o pilar que fundamenta posicionamentos e justifica vocações: o *sentido da vida*⁸; é o reflexo dos valores pessoais que guiam o homem. Enquanto a *vontade de sentido* representa o desejo e a necessidade por um sentido, o *sentido da vida* refere-se ao sentido em si, ao significado ou razão de existir que se dá à vida. A vontade é constitutiva do homem, mas o sentido é particular. Entretanto, “não podemos fabricar nem inventar sentido,

⁶ Ver FRANKL, 1978, p. 56, 63; 2016, p. 102-103, 116; 2017, p. 29, 45-66.

⁷ Ver FRANKL, 1978, p. 171, 179; 2010, p. 117; 2016, p. 113; 2017, p. 27.

⁸ Ver FRANKL, 1978, p. 231-235, 270; 2010, p. 27, 63; 2016, p.101-106, 109-111; 2017, p. 7-8, 94.

mas somente descobri-lo” (FREITAS, 2013, p. 58). Logo, não se trata de dar um sentido a algo, mas sim extrair aquele que já emana, e “apreendê-lo, percebê-lo e (...) realizá-lo” (FREITAS, 2013, p. 59). Visto que não somos um sistema fechado em nós mesmos, somos um ser altamente social por natureza, o verdadeiro sentido, portanto, só poderá ser encontrado no mundo, na interação, não dentro do indivíduo (FRANKL, 2016, p. 102-103), pois “o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo - seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar” (FRANKL, 2016, p. 103).

Ao mesmo tempo, o *sentido da vida* não é algo estático, difere-se para cada pessoa, contexto e a cada dia, mas apesar de sempre se modificar ele nunca deixa de existir (FRANKL, 2016, p. 101, p. 103), pois “o que importa (...) não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em um dado momento” (FRANKL, 2016, p. 101). O sentido geral aqui retratado seria o que Frankl chama de *suprassentido*, o fim universal e final, que por não ser racionalmente compreensível, excede a nossa capacidade intelectual e, portanto, não nos é acessível (FREITAS, 2013, p. 64-66). Ainda assim, o sentido o qual temos acesso possui um caráter objetivo e refere-se ao que deve ser realizado em uma situação concreta, e segundo Frankl pode ser realizado por três vias, ou valores, que representam possibilidades gerais de sentido, pois são atreladas a situações que se repetem e são típicas da condição humana (FREITAS, 2013, p. 59, p. 61); assim, é somente através deles é que podemos nos *autotranscender*, pois a verdadeira entrega à transcendência só ocorre mediante a integração do sentido com os nossos valores (FRANKL, 2016, p. 102-103).

A primeira delas se dá através de *valores criativos*⁹, a “transformação criativa da realidade” (FREITAS, 2013, p. 61): a realização de um trabalho, a criação de uma obra, a prática de um ato; ou seja, o *sentido do trabalho*. O que importa aqui é a forma que se trabalha, o que se faz, quem o faz, e como o faz, e não a profissão ou o cargo em si, pois sua realização sempre se dá em relação à comunidade (FREITAS, 2013, p. 62). É o valor que permite a *materialização do sentido*.

A segunda são os *valores vivenciais*⁹, a experiência do “caráter (...) único e irrepetível de uma determinada situação, quando vivencio algo ou alguém” (FREITAS, 2013, p. 62): a experiência de um sentimento, da natureza ou de uma cultura, a

⁹ Ver FRANKL, 1978, p. 21-22, 150-151, 236, 241-242; 2010, p. 9, 75; 2016, p. 102-103; 2017, p. 69, 74-75, 90-91.

lembrança do passado, a contemplação do presente, o encontro entre pessoas; ou seja, o *sentido do amor*. Para Frankl, o amor não se trata de um fenômeno impulsivo ou instintivo, mas algo primário (FRANKL, 2016, p. 104), e que “é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade”, completando que “através do seu amar a pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar (...) [suas] potencialidades” (FRANKL, 2016, p. 103). É o valor que proporciona a *eternização do sentido*.

Já a terceira são os *valores de atitude*¹⁰, a capacidade de “transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana (FRANKL, 2016, p. 104): a coragem nas catástrofes, a dignidade em meio a frustrações, a mudança de perspectiva frente ao inevitável, o enfrentar apesar da dor; ou seja, o *sentido do sofrimento*. Conforme dito, o que move o homem não é a busca pelo prazer, ou pelo poder, nem a evitação da dor, mas sim em ver algum sentido em sua vida, tanto que “está pronto até a sofrer, sob a condição, é claro, de que o seu sofrimento tenha um sentido” (FRANKL, 2016, p. 105). O sofrimento em si, é claro, não é condição necessária para se encontrar o sentido, mas o mesmo pode ser realizado até em tempos de caos, basta permitir-se ter um novo olhar sobre o irremediável (FRANKL, 2016, p. 105). Ao contrário dos valores anteriores, criativo e vivencial, este é o valor que mais propicia o autodesenvolvimento (FREITAS, 2013, p. 64), uma vez que “quando já não somos capazes de mudar uma situação (...) somos desafiados a mudar a nós próprios” (FRANKL, 2016, p. 104). É o valor que oportuniza o *aprendizado do sentido*.

E para finalizar, ainda dentro deste valor, que busca encontrar o sentido no sofrer, Frankl também nos apresenta a ideia da *tríade trágica*¹¹, três facetas da angústia humana que são tão algozes quanto mentoras: a *culpa*, que através da autoavaliação pode levar ao refinamento de condutas; a *dor*, ou *sofrimento*, que através do aprendizado pode levar ao crescimento e evolução; e a *morte*, que através do lembrete sobre a nossa temporalidade e finitude pode levar a transcendência.

¹⁰ Ver FRANKL, 1978, p. 21-22, 179, 236, 239, 242, 247, 259; 2010, p. 9, 75; 2016, p. 102-106, 128-129; 2017, p. 69, 74-75, 90-91, 93-97.

¹¹ Ver FRANKL, 1978, p. 243, 245-246; 2016, p. 121-133; 2017, p. 94-96.

3 A BIBLIOTERAPIA

Os universos fantásticos da literatura, através de diversos formatos, contribuíram, e ainda contribuem, como guardiões dos sonhos e tradições, além de muitas vezes servirem propulsores da ambição humana. Seja através de prosa ou da poesia, a literatura sempre esteve presente na cabeceira da evolução, seja descrevendo conflitos do passado, discutindo disputas do presente, elaborando hipótese de futuro, ou apenas servindo de válvula de escape da realidade cruel do mundo.

Vê-se, portanto, que para todo gênero literário há um público que fomente seu diálogo interno entre escritor e leitor, pois é disso que se trata a leitura: é um diálogo; e cujo desenvolvimento é diferente para cada leitor. A narrativa pode até ser objetiva, mas a interpretação é sempre subjetiva (DE AQUINO, 2015, p. 9, 153, 155; DEL RÍO, 2016, p. 45; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 14, 19-21, 36; DE SOUZA; BERNARDINO, 2011).

Dispondo-se, então, desta incrível ferramenta de reflexão e diálogo fora proposta a *biblioterapia*, a utilização terapêutica de livros e que, por extensão, também se pode entender como “toda letra escrita”, seja em formato de literário, poético, musical ou até mesmo publicitário (DEL RÍO, 2018, p. 12; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 19, 33-34).

Cerca de 90 anos após sua primeira menção de forma científica (DEL RÍO, 2018, p. 27), a biblioterapia é vista e utilizada em cinco grandes frentes (DEL RÍO, 2018, p. 36-37): i) *clínica*, empregada principalmente por médicos e psicólogos como ferramenta auxiliar em tratamentos específicos; ii) *educacional*, aplicada por profissionais diversos, de docentes e trabalhadores sociais a conselheiros e enfermeiros, sendo aplicada em qualquer tipo contexto educativo; iii) *institucional*, utilizada por gerentes e setores de RH para se trabalhar questões específicas dentro das equipes de trabalho; iv) dos *meios de comunicação*, operada por comunicadores das redes de rádio, televisão, jornais, revistas e YouTube enquanto ferramenta de transmissão de ideias e valores; e v) *pessoal*, quando é usufruída por qualquer pessoa que esteja buscando por seu próprio crescimento e desenvolvimento em qualquer setor de sua vida pessoal.

Segundo García Pintos, sua aplicação apresenta os seguintes benefícios (1999, p. 25-26): i) é uma ferramenta de intervenção não intrusiva, fazendo-a não possuir riscos de aplicação; ii) possui menor nível de resistência, o que agiliza o processo de troca e mudança; iii) permite a identificação do processo de troca e mudança através de uma imagem que permanece com o indivíduo, garantindo-o um recurso valioso de rememoração do trabalho realizado; iv) oferece modelos de flexibilidade e resposta possíveis; e v) estimula a independência, uma vez que a descoberta de valores é feita pelo próprio leitor.

Entretanto, ainda que possua diversos pontos positivos, principalmente sob o ponto de vista educativo, em especial no âmbito da prevenção e promoção, a biblioterapia não traz benefícios para todas as pessoas nem em todos os casos, também possui contraindicações, sendo elas (DEL RÍO, 2018, p. 38-39; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 35, 37): i) não estar confortável com sua aplicação; ii) quando não há possibilidade de intervenção e participação ativa, principalmente em se tratando de trabalhos em grupo; iii) aplicar com pessoas com problemas de aprendizagem; iv) aplicar com pessoas com psicopatologias graves; v) buscar uma intervenção profunda sem ter a formação adequada para tal; vi) utilizar livros de autoajuda que já apresentem “receitas prontas” para lidar com as questões a serem trabalhadas; vii) aplicar sem nenhum conhecimento prévio sobre a vida e realidade do paciente ou cliente.

Ainda assim, tal medida terapêutica pode ser utilizada independente da formação acadêmica e pode ser realizada em caráter preventivo, corretivo, apelativo ou promocional, seja em abordagens individuais ou grupais (DEL RÍO, 2018, p. 16; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 41-46), mas para acima de terapêutica trata-se de uma medida educativa que busca acompanhar e apelar um ser único, singular e irrepetível em sua busca por si mesmo e seu sentido de vida (DE AQUINO, 2015, p. 9, 154-155; DEL RÍO, 2018, p. 17; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 13-18).

Dentro do universo da Logoterapia, o ideal de educação é visto como uma orientação preventiva, ao vazio existencial, e promocional, de afino da consciência, indo para além de uma mera transmissão de conhecimentos e valores (DEL RÍO, 2018, p. 18).

Desse modo, a própria biblioterapia também é vista como um recurso de raiz educativa, independentemente do seu ramo de atuação, de caráter preventivo e promotor de saúde mental, e além disso de função *apelativa*, que permite transmitir e

mobilizar emoções, ideias e o espírito, promove o *encontro* e vínculos mais empáticos, e recorre a instância superior do ser, à dimensão espiritual, possibilitando reflexões e mudanças mais profundas frente a vida e a existência (DE AQUINO, 2015, p. 154-155; DEL RÍO, 2018, p. 69-70, 89, 92-93, 160; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 19-21, 86).

A seleção do texto e a adaptação da linguagem precisam ser observadas com cuidado, buscando adequar-se à realidade do público de trabalho (DEL RÍO, 2018, p. 76, 97, 107-112, 123-131, 161; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 19, 36-39; DE SOUZA; BERNARDINO, 2011). Além disso, através do trabalho biblioterápico nota-se o peso da palavra escrita. Seu peso ético e estético, o que se diz e como se diz; o peso de quem fala, o efeito do argumento de autoridade; e peso de quem lê, a permeabilidade daquele que lê, uma vez que um texto impacta a todos de forma distinta, segundo quem se é e como se está no momento em que se lê (DEL RÍO, 2018, p. 71; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 19-20).

Portanto, durante uma leitura, memórias são ativadas e permitem que o leitor possa descobrir onde há sua realidade no enredo, personagens e cenários que lhe são apresentados. O leitor é brindado com novas possibilidades de resposta e reflexão sobre valores, atitudes e princípios éticos e morais, seus e da sociedade que o cerca, permitindo-o aprofundar em sua construção identitária (DE AQUINO, 2015, p. 9, 153, 155; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 19-21, 86).

A raiz educativa da biblioterapia está, então, na sua viabilidade de desenvolvimento pessoal, ao propiciar não só o encontro com o outro, seja o facilitador¹² do trabalho biblioterapêutico, os colegas do grupo de trabalho educativo-terapêutico, ou com o próprio autor do texto, mas como também, e principalmente, o encontro consigo mesmo, permitindo que o leitor tome consciência do seu ser atual e do modo de alcançar o seu *dever ser*, assim como que enriqueça sua personalidade, lance mão de sua liberdade com responsabilidade e realize valores superiores (DE AQUINO, 2015, p. 9, 153-155; DEL RÍO, 2018, p. 72; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 19-21, 86).

Por tratar-se de uma intervenção indireta, que permite o *autodistanciamento*, as dimensões psicológica e espiritual do leitor tornam-se, a priori, mais permeáveis, mas mecanismos de defesa do ego¹³, como introjeções, projeções e catarses, ainda

¹² Ver GARCÍA PINTOS, 1999, p. 14-15.

¹³ Segundo a teoria Psicanalítica, os *mecanismos de defesa* do ego são processos psicológicos, subconscientes e inconscientes, que visam reduzir qualquer manifestação que possa colocar a

podem ser observados quando há uma forte identificação com um acontecimento ou personagem (DEL RÍO, 2018, p. 73-74; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 22-23, 36, 86).

Durante o processo de leitura, as dimensões do ser processam a obra através da tríade reflexão-emoção-ação (DEL RÍO, 2018, p. 74): primeiro a nível intelectual, com a análise da problemática, a definição das prioridades e a tomada de decisão; em seguida a nível emocional, com a conexão afetiva com o problema e o comprometimento de solucioná-lo; e finalmente a nível atitudinal, com a ação de seguir o caminho rumo a solução, metas e objetos estabelecidos e de fato resolver o problema.

Logo, assimilar as experiências apresentadas pelo texto como alternativas reais para os problemas concretos que se manifestam durante a vida depende do posicionamento e abertura que o leitor se permite ao longo da vivência biblioterapêutica.

Vale ressaltar, entretanto, que o descobrimento de valores independe da maturidade cognitiva e intelectual do ser, pois é um movimento que, através da consciência, apela para dimensão espiritual. A interpretação daquilo que se lê baseia-se na realidade de quem lê, e o desenvolvimento das faculdades cognitivo-intelectuais permite que o indivíduo compreenda e expresse com mais clareza os sentidos e valores encontrados, mas o descobrimento dos valores em si vai além da tal capacidade, é nível de *suprassentido* (DE AQUINO, 2015, p. 153-155; DEL RÍO, 2018, p. 76). A biblioterapia apela para a dimensão espiritual do ser independentemente de sua expressão estar prejudicada por alguma patologia, uma vez que tal dimensão não é passível de adoecimento (DE AQUINO, 2015, p. 153-155; DEL RÍO, 2018, p. 80).

Neste sentido, a biblioterapia também permite que o leitor diferencie *entender* (compreender o que se passa com os personagens), de *compreensão cognitiva* (relacionar o ocorrido com o personagem com sua própria vida) e *empatia completa* (compreender profundamente os personagens e reconhecer suas fissuras de caráter), dinâmica esta que lhe permite aprofundar em sua dimensão espiritual e aflorar a *noodinâmica* em si mesmo (DEL RÍO, 2018, p. 78).

Vê-se, portanto, que a biblioterapia objetiva a *autotranscendência* através do *autodistanciamento* e autoenfrentamento; visa oportunizar o desenvolvimento da identidade, melhorar a compreensão de si mesmo, a nível intelectual, emocional e

integridade do ego em risco, buscando resolver conflitos não resolvidos a nível consciente (ver FREUD, 2006).

atitudinal, ampliar a visão de si, do outro e do mundo, e descobrir valores, motivações e sentidos; busca a conexão do ser com seus aspectos mais profundos, acesso a sua dimensão espiritual e seus recursos noéticos¹⁴ (DE AQUINO, 2015, p. 153-155; DEL RÍO, 2018, p. 79, 92; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 86, 93-94).

Segundo Garcia Pintos (1999, p. 93) a leitura de um livro atíça o leitor de duas formas: primeiro o *revela*, e se passa ver o que antes não se via; e em seguida o *rebela*, e incentiva à mudança e a se tornar a melhor versão de si mesmo.

Ambos os movimentos mexem com o sistema de crenças¹⁵ do leitor e tais recursos noéticos, que se fazem presente ao longo de toda leitura, propiciam uma maior entrega do leitor à obra e seus ensinamentos, despertando-o para novas respostas, emoções e pontos de vista, permitindo-o ampliar sua visão de mundo e reconhecer melhor suas potencialidades e limitações, mas sem perder de vista a totalidade do ser (DE AQUINO, 2015, p. 155; DEL RÍO, 2018, p. 81-84, 92; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 19-21, 87-88).

Em se tratando de adolescentes, Piaget¹⁶ propõe que esta fase se caracteriza pela transição entre o pensamento concreto e o formal, estágio este marcado pela capacidade abstrata e imaginativa, o início raciocínio dedutivo e especulativo e o desenvolvimento da habilidade de formular hipóteses.

Além disso, é a fase em que se busca mais ativamente a autonomia e a individualidade, em que há a construção identitária, a experimentação de forma mais consciente e um maior questionamento da realidade que se encontram. É a fase em que a consciência inicia seu *grito* pela busca de sentido na vida e apropria-se com mais veemência de sua capacidade de decidir com responsabilidade, compreendendo melhor a distinção entre a liberdade *de* e *para* que lhe cabe. É quando se desenvolve melhor o sentir e pensar por si mesmo, reconhece-se suas próprias necessidades emocionais, fortalece-se a autoestima, expande-se o círculo de amizades e busca-se

¹⁴ Ver DEL RÍO, 2018, p. 81-83.

¹⁵ Segundo a teoria Cognitivo-Comportamental, *crenças* são as afirmações ou conclusões feitas sobre a realidade, e o *sistema de crenças* é o conjunto de crenças, ou premissas, que forma a base cognitiva do indivíduo (ver BECK, 2013)

¹⁶ Segundo o psicólogo suíço Jean Piaget, o ser humano desenvolve-se ao longo de quatro fases: i) sensório-motor, de 0 a 2 anos, o conhecimento do mundo baseia-se nos sentidos e na habilidade motora; ii) pré-operatória, de 2 a 6 anos, uso de símbolos, palavras e números, construção de esquemas mentais, desenvolvimento da fala e pensamento egocêntrico; iii) operatório-concreto, de 7 a 11 anos, operações lógicas, pensamento reversível e descentrado, noções de conservação; iv) operatório-formal, de 11 anos em diante, inteligência lógico-abstrata (ver PIAGET, 1999).

pela aceitação do outro (DEL RÍO, 2018, p. 77, 101; DE SOUZA; BERNARDINO, 2011).

Neste sentido, a biblioterapia grupal com o público adolescente mostra-se relevante e significativa, uma vez que permite uma maior troca entre seus pares, amplia a visão de mundo a partir de perspectivas mais próximas à sua realidade e proporciona um maior desenvolvimento da empatia, pois podem se reconhecer uns nos outros, permitindo-os desenvolver vínculos de amizade mais profundos e saudáveis (DEL RÍO, 2018, p. 100-104, 126-129, 134; DE SOUZA; BERNARDINO, 2011).

No que diz respeito à aplicação da biblioterapia grupal de forma geral, importa observar sua relevância frente ao objetivo que se almeja, bem como se o público de trabalho está disposto a participar da dinâmica proposta por tal intervenção. O trabalho pode ser realizado através de encontros múltiplos ou um encontro único, o que depende do objetivo e público específicos de cada trabalho. Importa, também, que o facilitador do trabalho incentive o compartilhamento e a troca entre os participantes, propondo, inclusive, a construção coletiva das regras de conduta e sigilo do grupo, forte promotora de coesão grupal, além de atentar a todos para a diferença entre diálogo e discussão, procurando sempre o alcance da primeira (DEL RÍO, 2018, p. 133-140; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 21-22).

Através de um trabalho grupal constrói-se um campo fenomênico que permite uma maior afetação entre os pares e um maior *autodistanciamento* de sua realidade para entregar-se à ajuda ao outro, o que diminui o egocentrismo e promove a empatia (DEL RÍO, 2018, p. 104, 133-134).

A aplicação grupal, assim como nos demais formatos, se dá, basicamente, em cinco fases (DEL RÍO, 2018, p. 107-121; GARCÍA PINTOS, 1999, p. 22, 36-37, 86): i) a seleção do texto, em se deve atentar tanto ao objetivo específico do trabalho quanto ao público alvo em questão; ii) a criação do clima, em que se atenta para a altura, ritmo e velocidade da voz, a fim de buscar deixar todos os participantes a vontade para compartilharem suas reflexões ao longo do trabalho, além de se apresentar a proposta de atividade e qual texto pretende-se trabalhar; iii) a apresentação do material em si, momento em que se passa a premissa do texto selecionado para os participantes, bem como se realiza sua leitura propriamente dita, de forma individual, pelo facilitador, ou coletiva, com todos os participante contribuindo com a leitura; iv) o diálogo, em que se provoca os participantes com perguntas reflexivas a partir da

leitura realizada e se incentiva que todos compartilhem suas reflexões individuais; v) a conclusão, em que se finaliza o trabalho com organização das mensagens e valores que foram descobertos, buscando se estabelecer quais as conclusões e lições que puderam ser observadas a partir do explorado e vivenciado ao longo da leitura, ou seja, a formulação de frases ou orações que resumem o que fora aprendido e que, futuramente, servirão de incentivo para as tomadas de decisão e ação.

4 O UNIVERSO LITERÁRIO DE HARRY POTTER

O universo literário de Harry Potter é uma série de fantasia infanto-juvenil composta por sete livros e escritos pela autora britânica J. K. Rowling. Após seu manuscrito ter sido rejeitado por oito editoras, a publicação do primeiro livro da saga, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*¹⁷, se deu finalmente em junho de 1997 e desde então a história do menino que sobreviveu só fez crescer ao redor do mundo, conquistando de crianças a adultos, sendo traduzida para mais de 80 idiomas e vendendo mais de 500 mil cópias ao todo ao redor do mundo, tornando-se a série de livros mais vendida na história¹⁸.

Levando em conta todo o universo criado a partir da história de Harry e seus amigos, o mundo mágico de J. K. Rowling conta hoje (ano base jan.2021) com um total de 10 livros, 10 filmes, 1 peça de teatro, 13 jogos, 3 parques temáticos e 1 passeio nos estúdios da Warner Bros. Studio em Londres¹⁸.

A série como um todo toca em diversos gêneros literários para além da fantasia, como drama, mistério, suspense, aventura, horror e romance, além de também abordar temas escolares e o processo de amadurecimento desde infância à adultidade. Outros temas que também se fazem presente ao longo da série são a amizade, o preconceito e a loucura, mas segundo a autora o tema principal da série é a morte¹⁸.

Neste universo mágico criado por J. K. Rowling o mundo bruxo vive em paralelo e intimamente conectado ao mundo *trouxa* – os não-bruxos – sendo escondido onde

¹⁷ Título original, “Harry Potter and the *Philosopher’s Stone*”, na versão britânica, e “Harry Potter and the *Sorcerer’s Stone*”, na versão americana.

¹⁸ Ver *Wizarding World*.

necessário através de magias apropriadas. O desenvolvimento do mundo bruxo fora inspirado na cultura britânica dos anos 90, além do folclore Europeu, mitologias clássicas e a alquimia, incorporando objetos, artefatos e premissas como varinhas mágicas, plantas mágicas, feitiços, vassouras voadoras, criaturas mágicas; além, é claro, do universo expandido e criado pela própria autora, como a versão mágica para diversos elementos comuns do dia-a-dia.

A saga conta a história do jovem bruxo Harry Potter, assim como de seus amigos Hermione Granger e Ron Weasley, ao ingressarem juntos na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Cada um dos sete livros acompanha Harry, e seus amigos, durante um ano de sua vida, de 1991 a 1998, e contam com uma narrativa em terceira pessoa, um narrador onisciente.

O enredo principal ao longo de toda a trama foca na luta de Harry, e todo o mundo bruxo, contra o Lord Voldemort, um bruxo das trevas que busca a imortalidade, a derrubada do governo dos bruxos, conhecido como o Ministério da Magia, e a subjugação todos os *trouxas* – os não-bruxos.

Harry vive na cidade fictícia de Little Whinging, Inglaterra, junto com seus tios e primo – os Dursleys – com quem passa a morar após perder seus pais tragicamente. Em seu aniversário de onze anos descobre que é um bruxo, além de famoso, apesar de ter sido negligenciado e tratado como um fardo a vida toda, sem nunca sequer saber da existência do mundo bruxo, vivendo apenas ao redor de *trouxas*.

Apesar disso, o dom para a magia é inato, de nascença, e uma vez que tal habilidade é despertada as crianças bruxas são convidadas a ingressarem na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts a fim de que possam desenvolver tal aptidão.

Hogwarts, localizada na Escócia, é onde a maior parte da trama se desenvolverá. Ao longo de sua infância e adolescência nesta escola Harry amadurece e aprende a lidar com os desafios de a vida lhe apresenta, sejam eles de cunho mágico, social ou emocional, o que também inclui dificuldades comuns de todo jovem de sua idade, como amizades, interesses românticos, provas e trabalhos escolares, ansiedade, depressão, estresse; além de, é claro, sua preparação física e psicológica para seu futuro confronto com Lord Voldemort durante a, já violenta, segunda guerra bruxa que está por vir.

5 A PROPOSTA

5.1 Público e objetivo

O trabalho biblioterápico aqui proposto visa, em linhas gerais, a constituição de *clube de leitura*. O público-alvo são jovens entre 11 e 14 anos, uma vez que apresentam uma idade próxima ao do protagonista durante o primeiro livro da série, o que permite que possam se identificar com mais facilidade com a narrativa.

Além disso, a participação de professores e familiares que estejam interessados em se juntar ao trabalho também é bem-vinda. Neste sentido, sugere-se que o trabalho seja realizado a partir de e dentro da escola, como atividade complementar, de forma que os professores interessados tenham a abertura e conhecimento necessários para contribuir com o desenvolvimento do trabalho biblioterapêutico, inclusive dentro de suas próprias salas de aula.

O objetivo deste grupo biblioterapêutico é o de promover reflexões e debates junto aos alunos acerca de valores, virtudes, emoções e condutas éticas, através do diálogo socrático, tendo como ponto de partida os personagens e acontecimentos ao longo da saga literária de Harry Potter.

5.2 Procedimentos

Primeiramente, antes mesmo de constituir o grupo de trabalho, o facilitador deve busca localizar fragmentos da história que possam iniciar e fomentar a reflexão e o debate ao longo do todo o trabalho. Aqui sugere-se a busca de trechos que sirvam de exemplos dos valores Franklianos, ou seja, *valores criativos, vivenciais e atitudinais*, bem como dos pilares, *liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida*, e de outros conceitos importantes da Logoterapia e Análise Existencial, como *autotranscendência, autodistanciamento, dimensão espiritual, ou noética, noodinâmica, suprassentido e a tríade trágica*.

Vale ressaltar que, apesar da busca por temas de debate ter sido sugerida de tal forma, o trabalho não visa uma aula ou palestra sobre Logoterapia e Análise Existencial para seus participantes. É importante que o facilitador esteja atento à forma

com que introduzirá tais temáticas e conduzirá o debate. É indispensável que busque adequar sua linguagem e vocabulário ao público que estará tratando, especialmente em tratando de jovens, sejam crianças ou adolescentes.

Dito isso, além de temas diretamente ligados à Logoterapia e Análise Existencial, sugere-se também a buscar por trechos-exemplo que abordem temas comuns a realidade dos jovens, sejam eles de cunho social ou emocional, como amizades, interesses românticos, provas e trabalhos escolares, ansiedade, depressão, estresse, preconceito e o próprio processo de amadurecimento. Todos são temas vivenciados por Harry e seus amigos e podem contribuir para uma maior identificação dos participantes com os personagens, enriquecendo a futura fase de debate.

Em seguida, se buscará o estabelecimento do *clube de leitura*. Encontrar e convidar o público-alvo para a constituição do grupo, apresentar a proposta de trabalho e leitura, e construir, em grupo, as regras de conduta e sigilo grupal, a fim de que, no decorrer do processo, todos possam sentir-se à vontade para compartilhar suas ideias e reflexões.

Com o intuito de que todos os participantes tenham tempo hábil para ler, e de fato refletir, sobre o texto proposto, sugere-se que os encontros sejam quinzenais, com aproximadamente duas horas de duração, e que se estabeleça previamente junto ao grupo qual a meta de leitura para cada um dos encontros.

A depender da dinâmica específica do grupo e seus participantes também sugere-se considerar a possibilidade de encontros semanais, com também aproximadamente duas horas de duração, com a leitura sendo realizada em grupo durante os próprios encontros. Neste caso, sugere-se, também, que seja atribuído um tempo final razoável para a realização do debate acerca do que fora lido até então, de forma que tal fase se faça presente em todos os encontros.

Ao dar-se início a fase de debate caberá ao facilitador instigar os participantes para que compartilhem suas ideias e reflexões. Este movimento poderá ser feito tanto através de perguntas provocativas quanto apresentando os trechos-exemplo previamente selecionados; lembrando, claro, trazê-los antes para a realidade dos participantes.

É interessante, também, promover um processo de identificar, junto com os participantes, quais cenas e personagens foram mais marcantes ao longo da meta de leitura, aproveitando para refletir quais valores, princípios e virtudes podem ser

extraídos dessas cenas e personagens. Deste modo, é importante que nesta fase o facilitador coloque-se relativamente de lado e dê a abertura de fala necessária para que os participantes possam compartilhar e trocar entre si.

Vê-se, portanto, que o proposto é que ao longo da fase de debate os temas e observações presentes na meta de leitura possam ser trazidos tanto pelos participantes e quanto pelo facilitador, e aos poucos os conteúdos Frankilianos serão trazidos para a discussão a medida que temas propícios para forem trazidos.

Ainda na fase de debate, sugere-se que nos minutos finais de cada encontro busque-se produzir em grupo uma relação de mensagens ou frases que possam resumir as ideias debatidas e geradas durante o encontro.

Assim, chegado ao final de todo o trabalho, com a leitura proposta finalizada, se realizará um último encontro, o de síntese de todo o trabalho, em que, agora, serão debatidas as mensagens e frases produzidas ao final de cada encontro, a fim de que, em grupo, formule-se, agora, frases e orações, simples e de fácil memorização, que resumam o que fora aprendido durante todo o trabalho e que possam auxiliar os participantes em suas decisões futuras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização do projeto piloto fora observado como os jovens estavam desejosos por algo diferente e como se mostraram animados para a leitura e discussão de um livro que normalmente não se vê dentro da escola.

Ao se fazerem presentes durante os encontros, familiares puderam compartilhar de um momento de aprendizado totalmente novo com seus filhos ou netos, e professores puderam não só contribuir com reflexões como também auxiliando no engajamento dos jovens ao pensarem em formas criativas de trazerem o universo de Harry Potter para dentro de suas aulas, inclusive unindo forças entre disciplinas para tal fim.

Apesar de até o presente momento apenas o piloto tenha sido de fato executado, o que fora experienciado até agora demonstra seu potencial de sucesso. Espera-se que a leitura e a aproximação com o universo fantástico de Harry Potter

possam despertar ideias, questionamentos e reflexões nos jovens participantes de modo que possam se desenvolver de forma mais autoconsciente e autêntica.

REFERÊNCIAS

DE AQUINO, Thiago Antonio Avellar (org.). **Os filmes que vi e os livros que li com Viktor Frankl**: interfaces entre a ficção e a análise existencial. João Pessoa: UFPB, 2015.

BECK, Judith S. **Terapia cognitivo-comportamental**: Teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2013.

DEL RÍO, Gastón. **En busca del sentido en el aula con Viktor Frankl**: Propuesta de actividades para adolescentes en la escuela a partir del libro El hombre en busca de sentido. San Pablo. 2016

_____. **Biblioterapia y educación**: los libros como camino hacia el sentido. Bonum. 2018.

GARCÍA PINTOS, Claudio. **A logoterapia em contos**: o livro como recurso terapêutico. Paulus, 1999.

FRANKL, Viktor E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Tradução: Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **O que não está escrito nos meus livros**: memórias. Tradução: Cláudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. **Em busca de sentido**. Vozes, 2016.

_____. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. Tradução: Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2017.

FREITAS, Marina Lemos Silveira. **Afrontamento e superação de crises**: Contribuições da Logoterapia. Ribeirão Preto, SP: IECVF, 2013.

FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa. In:_____. **Obras completas**, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1999.

ROWLING, J. K. **Harry Potter and the sorcerer's stone**. U.S.A.: Scholastic, 1999.

____. **Harry Potter and the chamber of secrets**. U.S.A.: Scholastic, 2000.

____. **Harry Potter and the prisoner of Azkaban**. U.K.: Bloomsbury, 1999.

____. **Harry Potter and the goblet of fire**. U.K.: Bloomsbury, 2000.

____. **Harry Potter and the order of the phoenix**. U.K.: Bloomsbury, 2003.

____. **Harry Potter and the half-blood prince**. U.K.: Bloomsbury, 2005.

____. **Harry Potter and the deathly hallows**. U.K.: Bloomsbury, 2007.

DE SOUZA, Linete Oliveira; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere et Educare**, [s. /], v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011.

UNIVERSITY OF LEEDS. **Narnian Virtues: A Character Education English Curriculum**. Disponível em: < <https://narnianvirtues.leeds.ac.uk/about/>>, Acesso em: 19 jan. 2021.

WIZARDING WORLD. **Página institucional**. Disponível em: <<https://www.wizardingworld.com/>>, Acesso em: 19 jan. 2021.